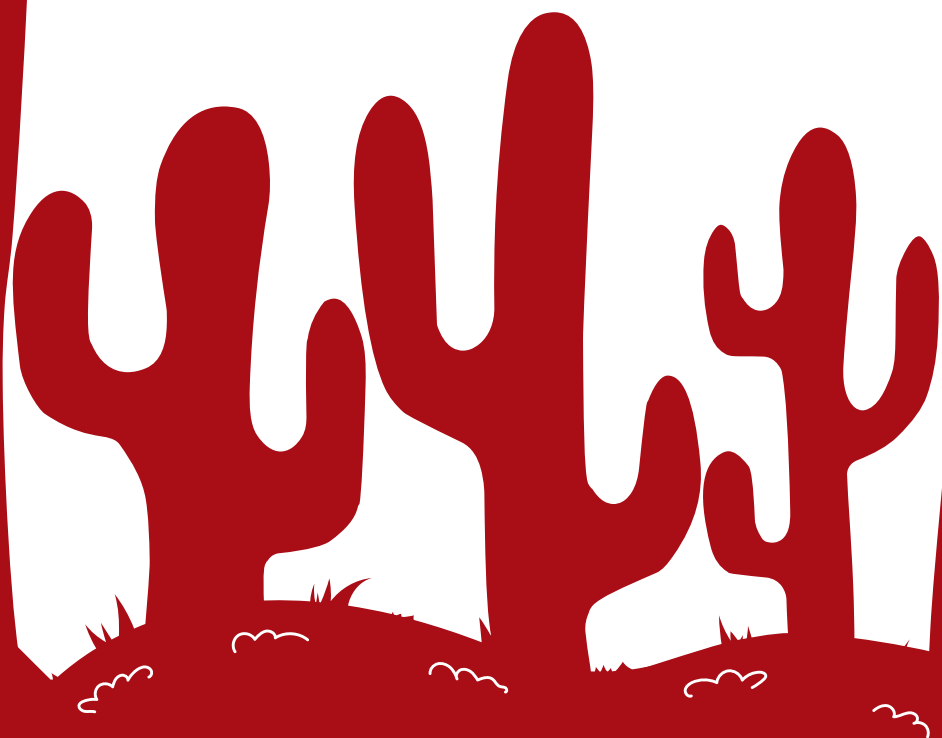


carta de direitos climáticos

QUILOMBOS SÍTIO ARAÇÁ & JATOBÁ II



FICHA TÉCNICA

Realização: The Climate Reality Project Brasil, Associação Remanescente de Quilombola do Sítio Araçá, Associação Quilombola da comunidade Jatobá II - AQUICBA e Quilombos de Pernambuco

Metodologia: The Climate Reality Project Brasil

Autores da Carta: Adailton Conceição Barros, Amanda Ferreira Nunes, Ana Vitoria Nunes da Silva, Beatriz da Conceição Viana, Beneliza, Raquel Rodrigues, Carla da Conceição, Cícero José Viana Neto, Claudiana da Paixão Santos, Cleaneide de Souza Silva, Edilene da Conceição Souza, Edileusa Noemia dos Santos, Edna da Conceição Santos, Edna da Paixão Santos, Elisangela Patricia Coelho Nunes, Elisangela Vitor da Silva, Enos André Farias, Esmeraldo José Nunes, Francisca da, Silva Souza Santos, Francislaide da Conceição dos Santos, Geraldo José Nunes, Geraldo Raimundo dos Santos, Gerriany dos Santos Ferreira, Gilmaria dos Santos Paixão, Iandra Lorrany da Silva Lima, Iracilda Raimunda da Conceição, Irene da Conceição Santos, Israilda Ferreira da Silva Nunes, Ivanilda Nunes dos Santos, João Batista da Costa, João Evangelista da Silva (João Gregório), Jose Manuel Pereira Nunes, Joseana Nunes, Joseilda Gomes Nunes, Joselita Joselia da Conceição, Josemar Bagagi Brasileiro, Josicleia Joana dos Santos, Josilene da Cruz Rodrigues, Jurema da Paixão Neto, Kemilly Launny dos Santos Lopes, Leonardo da Conceição Viana, Lidia da Silva Nunes, Luciana Petronila da Conceição, Lucicleia Nunes dos Santos, Lucilane de Souza Nunes, Luzineide Maria dos Santos, Luzinete Nunes dos Santos, Maninez rosa dos Santos, Maria Antonia Santana Nunes, Maria Aparecida da Conceição, Maria Betania da Conceição, Maria da Paixao dos Santos, Maria da Paixão dos Santos, Maria da Penha dos Santos, Maria de Jesus da Conceição Ribeiro, Maria do Socorro Silva, Maria Ines de Santana Nunes, Marilucia Jana da Conceição, Marinelza Suza Rodrigues, Marinez da Silva Souza, Marlene de Souza Araujo, Nazario Manuel Paixão, Nemias Luiza de Caonconceição Santos, Patricia Furtuosa Con-

FICHA TÉCNICA

ceição, Paula Regina Ferreira dos Santos, Petronio José de Souza Nunes, Poliana Ferreira dos Santos, Raimunda Maria Brito, Ranikelly da Silva, Regilene Pereira dos Santos, Rosilda Nunes da Conceição, Rosimar Madalena Nunes Cruz, Salete Santos da Paixão, Sandra Sá Nunes da Silva, Sebastião Joaquim dos Santos, Sheila Daiana de Souza Nunes, Tamara dos Santos Paixão, Tatiana Maria da Paixão, Thalys Henrique de Souza, Thiago Vinicius Ferreira Rodrigues, ValdemarMarco de Brito, Valdenes de Souza Brito, Vandervania Conceição Lopes, Vaneide Lopes, Vanessa Nunes dos Santos Lopes, Vanizueli dos Santos Nunes, Vilaneide Ferreira dos Santos Nunes, Vitor Gabriel Souza Torres e Zilta Luiza Conceição.

Facilitadoras do Encontro de Construção: Bárbara Gomes e Isadora Gran

Produção do Encontro: Edna Paixão, Paulinha Quilombola e Valdenes de Souza Brito

Redação: Luize Sampaio

Revisão: Bárbara Gomes

Diagramação: Luane Teixeira

Fotos: Poliana Santos

Coordenação: Isadora Gran

SÍTIO ARAÇÁ E JATOBÁ II

A fé no território é um movimento vivo, principalmente na caatinga, bioma em que o povo quilombola achou a “farmácia da natureza”, abastecida com a riqueza e diversidade das plantas que curam. Esse sentimento veio dos dizeres de Dona Raimunda, uma das lideranças do território quilombola do Jatobá II. Ela busca entender o motivo do distanciamento do povo com o seu bioma, tentando resgatar este contato, ela se questiona porque deixamos de recorrer à natureza para se curar.

Registrado apenas em 2007 pela Fundação Cultural Palmares, o Território Quilombola Jatobá II nasceu em 1879 com a chegada de Manoel Gregório de Sá Barreto, filho de uma mulher escravizada com um ‘senhor de escravos’, sendo criado na casa grande. Na época, sua família vivia do plantio de feijão, algodão e da criação de animais. Hoje moram 140 famílias e cerca de 500 pessoas na comunidade. A região quilombola - que faz fronteira com a Serra de Umãs, Serra da Bananeira e comunidade de Barreiras - é formada pelas localidades das Várzeas das Domingas, Caibeiras, Córrego do Facão, Barra do Exu, Recanto, Sabonete, Bananeira e Jatobá.



SÍTIO ARAÇÁ E JATOBÁ II

Em outra ponta de Pernambuco, está o Quilombo Sítio Araçá, em Afrânio. O nome da comunidade faz referência a árvore usada de abrigo pelo seu fundador, Seu Raimundo, pessoa escravizada, que chegou à região fugindo da Guerra dos Canudos, que ocorreu durante o século XIX. Segundo a história contada por seu Martins, o mais velho da comunidade, Raimundo se abrigava perto de uma lagoa que secou. Para ter acesso a água, ele então iniciou a escavação de uma cacimba, uma espécie de poço bem comum no nordeste. Até hoje essa cacimba existe, porém foi construído um açude em cima dela, quando esse açude seca, os moradores escavam e utilizam a água da cacimba cavada por Raimundo. Atualmente a comunidade do Araçá está na sexta geração de descendentes de Raimundo.

“O BIOMA É COMO UM FAMILIAR NOSSO QUE TÁ COM DEPRESSÃO E A GENTE NEM SABE QUAIS SÃO OS SINTOMAS, O DIA-A-DIA NÃO DEIXA A GENTE PERCEBER”

- Dona Raimunda

Dos remédios naturais do Jatobá à água ancestralmente armazenada no Araçá, os quilombos da caatinga protegem e são protegidos pela natureza. Porém, essa riqueza vital está ameaçada: as ondas de calor se tornaram uma realidade frequente, o desmatamento tem contribuído para o sumiço de animais e plantas nativas, tendo também como consequência um afastamento da própria população do território. Tudo isso tem sido acelerado por causa da chegada de diversos empreendimentos, que trazem consigo um discurso - ainda inconsistente, sobre proteção e salvaguardas do território. Os moradores reconhecem essa narrativa, parecida com a utilizada durante a transposição do Rio São Francisco e na construção da Ferrovia Transnordestina, empreendimentos que transformaram para sempre a realidade de várias comunidades no sertão brasileiro. As comunidades quilom -



bolas denunciavam que este discurso é vendido como o “progresso”, como algo “para frente”, mas na prática tem deixado as comunidades do entorno para trás. Além das disputas territoriais históricas, que perduram décadas, novas iniciativas querem apostar

na região com o argumento de promoverem um ‘desenvolvimento sustentável’. Assim, ambas as comunidades se veem neste momento defendendo seu espaço e lidando também com novas adversidades causadas por empreendimentos renováveis, que tem adentrado o sertão e chegando cada vez mais perto do território.

“ ... QUANDO EU ERA CRIANÇA O CLIMA ERA DIFERENTE, AS COISAS ERAM DIFERENTES, OS ANIMAIS ERAM DIFERENTES... A GENTE TEM QUE PENSAR NO CLIMA DOS NOSSOS FILHOS, DOS NOSSOS NETOS!”

- Jurema Paixão

Os quilombos são territórios tradicionais que enfrentam marginalização, exclusão social e discriminação. A disputa pela posse da terra é uma realidade constante em seu dia a dia. Recentemente, essas comunidades passaram a estar sob constante assédio por parte de grandes empresas de energia, que buscam explorar o potencial renovável disponível em seus territórios.

A pauta do desenvolvimento sustentável hoje não inclui o movimento urgente de retorno à valorização dos biomas e das comunidades que o protegem. As comunidades também querem que o desenvolvimento sustentável seja uma realidade dentro dos territórios, mas que ele seja feito de forma participativa e inclusiva, a transição energética justa depende de um respeito aos territórios e as comunidades tradicionais. Se serão eles os maiores impactados pelas transformações feitas por esse movimento, é necessário garantir também diretrizes de compensação.

O povo quilombola historicamente procurou a caatinga como proteção e se tornou também força importante para garantir a proteção do bioma, se um é a farmácia, o outro busca ser o médico. Nesta carta, quilombolas falam de um processo de recaatingamento, que é um resgate cultural e ambiental desse solo cheio de fé no futuro.



EIXOS URGENTES:

01. DIREITO À EDUCAÇÃO

02. DIREITO À TERRA

03. DIREITO À SAÚDE

04. RECOMENDAÇÕES SOBRE TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA



“Porque a lei existe e não é retirada do papel? Isso afeta o desenvolvimento do nosso território. Os professores de fora que vem trabalhar aqui não conhecem a realidade e as necessidades do nosso território. É fundamental o fortalecimento dos conhecimentos quilombolas para as próximas gerações”

Existem muitas formas de se ensinar, mas a única forma de se aprender é com o respeito ao território. Por isso é preciso que o ambiente escolar esteja mais alinhado com a realidade da comunidade, isso serve tanto para a infraestrutura da escola como também para sua estrutura curricular. A educação dos alunos de um quilombo precisa ser focada na cultura e nos saberes tradicionais quilombolas, em seu bioma e particularidades. Além de uma reformulação dentro da sala, é preciso mais estrutura fora também. Uma educação de qualidade começa com a garantia universal do seu acesso, com estradas, iluminação pública, transporte e também uma estrutura de escola confortável e compatível com o clima da região.

01. Estruturação das diretrizes curriculares da educação quilombola, efetivação da lei que contrata funcionários da própria comunidade para atuação nas escolas e garantia da compra da merenda escolar dos produtores rurais da comunidade a fim de promover o fortalecimento da identidade cultural quilombola nas escolas.

Uma educação quilombola passa por tornar a escola parte do ambiente da vida de um cidadão quilombola, com discussões sobre descarte correto de lixo, mas também do resgate dos saberes dos mais velhos. Não existe futuro sem o resgate do passado e espaços de troca dentro do território com aqueles que são hoje memória viva e salvaguarda das tradições quilombolas, valorizar esses mestres como parte também do ambiente de educação. Além de valorizar essas figuras, é preciso que o espaço escolar seja como um espaço em comunidade com a arborização das escolas, espaços de convivências, quadras poliesportivas e circulação de pessoas da comunidade. Um quilombo vivo dentro da escola.



Quilombo Sítio Araçá

02. Implementação de cursos profissionalizantes de pré-vestibular para jovens e demais moradores do território

É fundamental o fortalecimento dos conhecimentos quilombolas para as próximas gerações e um dos braços que vão ajudar a perpetuar essa cultura é a educação quilombola. Para que exista esse processo é necessário garantir o acesso ao ensino escolar daqueles que hoje já garantem com a oralidade, saberes e feitos da cultura. Jovens e adultos capacitados são uma forma de garantir que as futuras gerações tenham dentro da escola referências, quem melhor para ser professor nos quilombos que um quilombola?

03. Capacitação para pais e professores em diversidade e para lidarem com crianças autistas, neuro divergentes e com outras deficiências

Uma escola precisa atender a todos e se adaptar aos seus alunos e ambiente e nunca o contrário, para ser inclusiva é necessário respeitar e incluir a cultura quilombola mas não apenas. Os alunos com deficiência precisam receber a mesma educação dos demais, para isso é preciso garantir professores e escolas preparados, com infraestrutura e metodologias que facilitem o acesso desses alunos a educação, direito de todos.



Quilombo Jatobá II

04. Inclusão na grade curricular temas referentes à questão climática

É preciso engajar a juventude quilombola no que hoje é um dos maiores desafios locais e globais: o clima. As ondas de calor, as secas e as mudanças no bioma já são uma realidade territorial e para transformar esse cenário é preciso que a nova geração faça um resgate cultural e proteja o bioma. Há uma história de luta e preservação da caatinga, entender de onde viemos ajuda a fortalecer o movimento urgente de preservação do agora.



*“O homem fez o motor
Rádio e Televisão
Fabricou o avião
Obra de tanto valor
O homem fez o metrô
pra correr nas profundezas
Fez uma cama e uma mesa
fez revólver e uma faca
morre mas não faz uma jaca
Que é fruto da natureza”*

– Cordel, autoria José Manuel

A disputa pela terra é uma realidade de todos os biomas brasileiros. Na caatinga, quilombolas relatam que há uma complexidade específica que passa pelo apagamento da sua cultura e comunidades, por novas e antigas táticas de desmatamento que se aprofundam agora com a crise climática. Com a ameaça já histórica de transposição do Rio São Francisco a agora instalações de parques solares e eólicos, quilombolas disputam seus espaços com grandes poderes. O interesse por essa terra deixou como marca o agravamento da seca, o desmatamento, a falta de água e de alimento, e a desertificação, que resultam em risco à vida e à continuidade dessa população e bioma.

01. Investimento em capacitação e tecnologia para fortalecer a agricultura familiar

Os quilombolas apontam o desaparecimento de uma série de plantas, frutos e animais, tais como: gergelim, fava, jerimum, nambu, juriti, codorniz, canção, pragas, abelhas e as rolinhas sangue de boi. Por isso, um dos focos de demanda da comunidade é pelo processo de **recaatingamento** dos territórios. Em meio a crise climática é ainda mais necessário ter pessoas capacitadas para elaborar estratégias de adaptação e mitigação capazes de potencializar a agricultura local a partir da organização

do escoamento da produção e implementação dos quintais produtivos. Para que esse ecossistema de produção vingue, outros processos precisam receber investimentos como as estradas, por exemplo.



Quilombo Sítio Araçá

02. Água encanada, cisternas e saneamento

Esse bem básico para garantia de todos os tipos de vida, da humana à mata, ainda é um desafio nas comunidades, faltam cisternas em 93 casas do quilombo do Sítio Araçá. Os lares que possuem cisternas sofrem quando as ondas de calor intensa racham o reservatório. É necessário um investimento geral em infraestrutura de saneamento para que o povo tenha acesso a água encanada, com um sistema de esgoto, bueiros, implementação de novas cisternas de tipo calçadão e manutenção das cisternas antigas.

03. Compra de terras pelo estado

A disputa por terras, que sempre foi histórica, é uma das lutas mais antigas da população quilombola. A comunidade do Araçá, apesar de ser maior em número de pessoas e força cultural, enfrenta secularmente disputas desiguais com grandes empresas e conglomerados, como o tradicional agronegócio, mas também novas frentes como as empresas de energia verde. Essa batalha entre os povos e grandes empreendimentos empurra essa população para fora do seu próprio território. Por isso, é necessário que o governo federal crie linhas de crédito específicas para comunidades tradicionais, que facilite a compra de terras como forma de reparação histórica.



Quilombo Jatobá II

04. Execução de políticas públicas que garantam o acesso a água

A comunidade do Jatobá II reforça a necessidade da execução do projeto do governo federal “Água para todos” previsto para o territó-

rio para esse semestre, enquanto sonha que também seja instaurado um projeto que garanta o acesso à água da transposição do Rio São Francisco para produção agrícola a partir da titulação.

05. Titulação

Os povos tradicionais são historicamente defensores e salvaguardas das nossas culturas e biomas, antes da ampliação da discussão sobre a crise climática foram estes, junto aos povos originários, que alertavam e mitigavam os fenômenos que hoje vivenciamos. A valorização desses esforços e também a reparação, destes grupos que são os mais impactados por ações de injustiças climáticas causadas por terceiros, deve-se consolidar a partir da regularização fundiária e titulação das terras dessas comunidades.



“Porque existe a falta de assistência e interesse público na área da saúde para a comunidade?”

A saúde preventiva de uma comunidade se inicia com investimento público que garanta o acesso a itens essenciais básicos como água potável e saneamento básico em dia com coleta seletiva e esgoto tratado. Os quilombos também sofrem com a falta de ações públicas que possam prevenir casos graves. As políticas públicas precisam ser intersetoriais, a garantia de uma boa qualidade de saúde também tem a ver com investir em espaços públicos para a prática de esportes, por exemplo. Para diminuir as chances de casos médios e graves, é necessário também uma cobertura da atenção básica que contemple todas as regiões das comunidades, com profissionais capacitados, agentes comunitários ativos e equipamentos fixos para o local, como ambulâncias.

01. Destinação adequada do lixo doméstico, com campanha de conscientização para o devido descarte em lugar apropriado e recolhimento por carro próprio cedido pelo poder público. Bem como, melhoria da iluminação das comunidades e patrulhamento das estradas de acesso aos povoados.

A população pede pela limpeza anual dos barreiros e também que a coleta seletiva seja feita uma vez por semana, através de um caminhão apropriado para o serviço.

02. Construção de cisternas para todos os domicílios da comunidade, melhoria da distribuição e abastecimento de água potável por carro pipa de forma gratuita e com campanhas de conscientização da importância do cuidado dos barreiros e açudes.

Ainda hoje, nem todas as famílias possuem cisternas ou abastecimento de água em suas casas, essa é uma das demandas centrais dos quilombos. Já que o acesso a água é vital, uma ação de imediato é o aumento de ações públicas com carro pipa gratuito e para isso, é necessário também o investimento na conservação das estradas de acesso às comunidades.



Quilombo Sítio Araçá

03. Presença de equipe multidisciplinar na UBS todos os dias

A comunidade reforça a necessidade que a unidade funcione de segunda a sexta-feira como é de praxe de qualquer outra UBS. É necessário também que haja uma ambulância disponível 24h na comunidade. Entre as questões de saúde mais urgentes, foi apontado a necessidade de mais campanhas constantes para prevenção de gravidez na adolescência e alcoolismo.



RECOMENDAÇÕES SOBRE TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA

“Se todos entenderem uma luta elas dão certo”

- Leonardo

Mudam as formas, mas a disputa de terra é uma constante histórica da população quilombola. Entre as novas formas de assédio e ameaça, estão o interesse exploratório das grandes empresas de energia renovável que enxergam nesses territórios grande potencial para seus empreendimentos. A principal preocupação é a instalação de grandes parques de energia eólica e grandes usinas de energia solar perto dos quilombos. As comunidades reconhecem a necessidade e importância da transição energética para o enfrentamento da crise climática e a garantia da continuidade do desenvolvimento sustentável, inclusive dos seus territórios. No entanto, já que estes territórios são áreas essenciais para contribuir com a produção de energia limpa, então eles precisam ter partes compensatórias pelos efeitos ambientais, econômicos e sociais das mudanças que serão causadas pela instalação destes parques. Diante disso, os territórios tradicionais Quilombolas Jatobá II e Sítio Araçá expressaram suas principais reivindicações de forma clara e assertiva.



RECOMENDAÇÕES SOBRE TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA

01. Participação ativa da comunidade e transparência das empresas

É preciso consultar os moradores e ouvir de forma respeitosa suas reivindicações já que eles são as pessoas que vivem no território que será impactado com os empreendimentos. Como parte importante desse bioma e região, a comunidade precisa ser consultada sempre e a cada novas adições ou expansão dos projetos, essa é uma maneira de salvaguardar não só a comunidade como também o território.

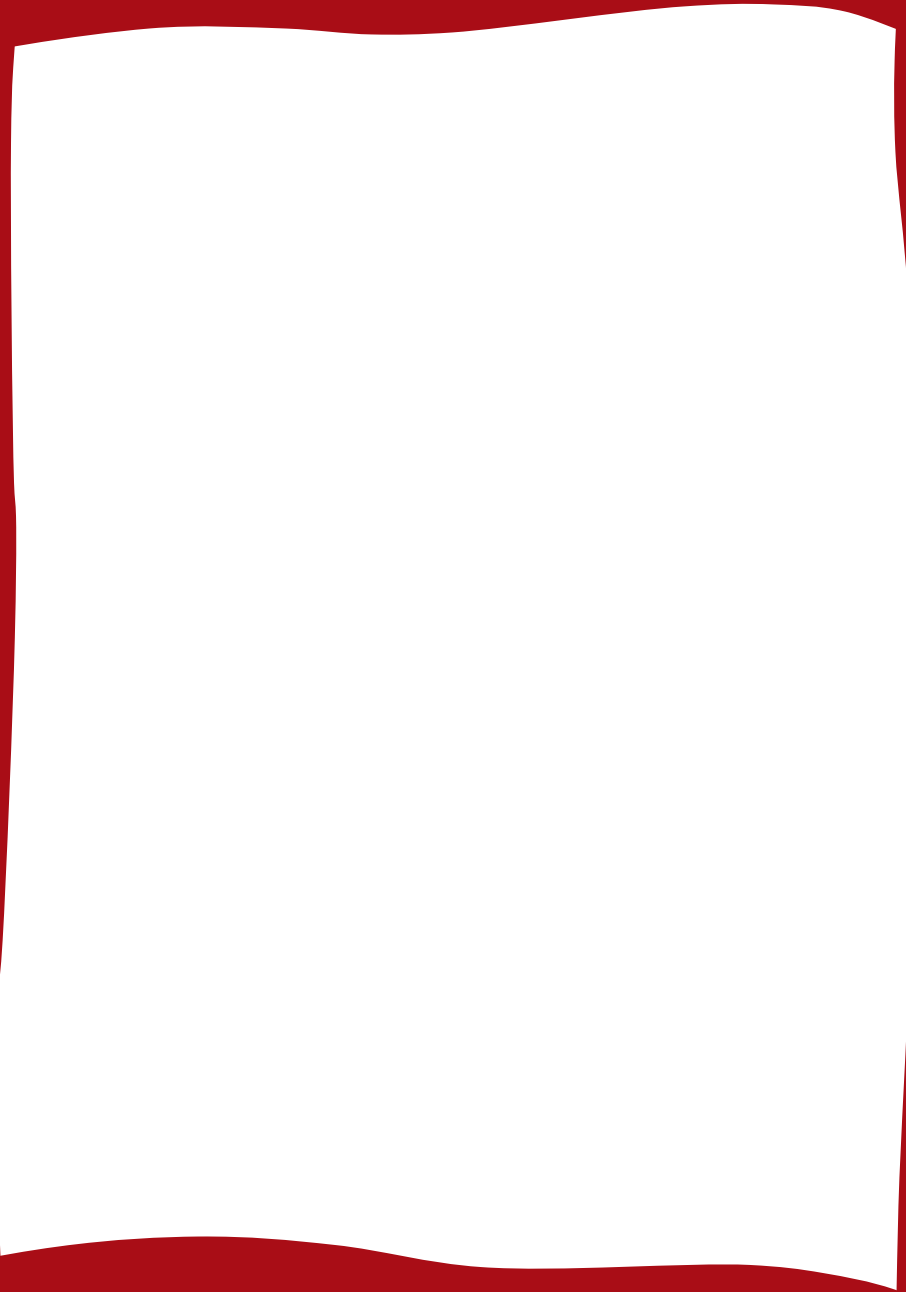
02. Comunicação de linguagem simples e acessível a todos

Garantir a participação passa também por outra demanda fundamental que é a garantia de uma linguagem acessível e adaptada à realidade e costumes dos moradores, os contratos e informações técnicas precisam ser entendíveis para todos os envolvidos. A não compreensão clara dos termos e impactos dos empreendimentos afasta a população da discussão.

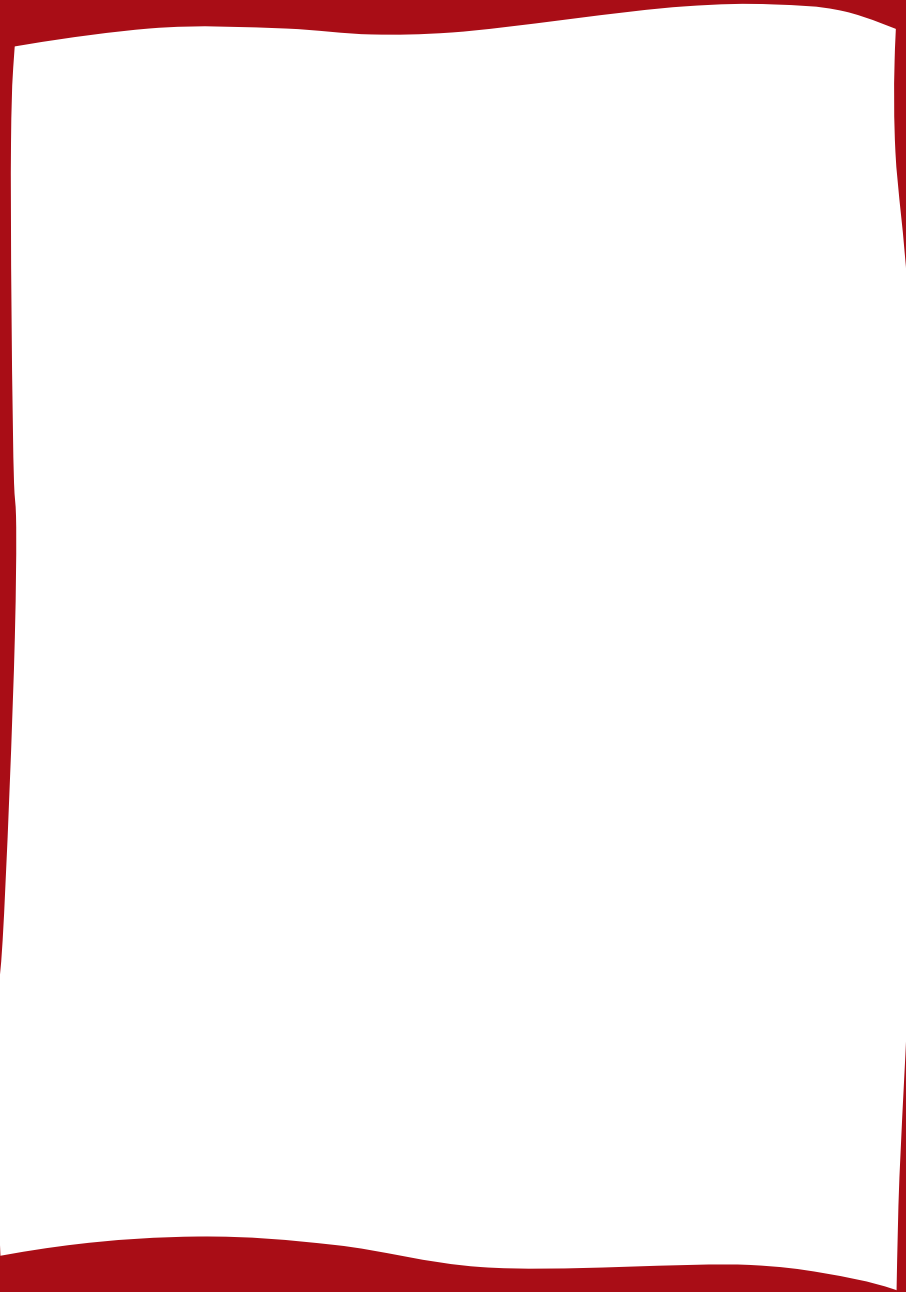
03. Compensação por uso da região

As instalações impactam a vida e o bioma, por isso é necessário a garantia de compensação e reparação à comunidade. Os projetos de transição justa precisam ser justos também para os quilombolas e moradores dos territórios que recebem os parques. Uma ação sugerida pela comunidade é que haja a doação da energia gerada para a manutenção de, por exemplo, centros culturais e esportivos, descontos na energia para as residências presentes no território. Outra devolutiva importante é assegurar e priorizar a contratação e formação para pessoas da comunidade, oferecendo também formações com conteúdo socioambiental.

ANOTAÇÕES



ANOTAÇÕES



SOBRE O PROJETO

CARTAS DE DIREITOS CLIMÁTICOS

Cartas de Direitos Climáticos são ferramentas que permitem a mobilização e o engajamento dos territórios, no encontro do conhecimento tradicional com a ciência do clima, para apresentarem à sociedade as demandas prioritárias de suas comunidades por medidas de adaptação e mitigação climática. Estas medidas são determinadas pelos próprios moradores, através da troca de vivências e identificação dos impactos já sentidos e em busca da defesa de seus direitos e da justiça climática. A carta, então, vira um instrumento para que os moradores se tornem protagonistas para alavancar soluções, ocupando espaços estratégicos de fala e tomadas de decisão.

COMO VOCÊ PODE COLABORAR

Junte-se a nós nesta jornada em busca da justiça climática. Seja você um especialista no assunto ou alguém que apenas começou a se interessar pelo clima, sua contribuição é valiosa. Juntos, podemos criar um impacto real e defender um mundo mais verde e saudável para todos.

Se você acredita que pode colaborar com qualquer das medidas demandadas pelo território envie uma mensagem para **brasil@climatereality.com** e entraremos em contato com você.

O futuro está em nossas mãos.



CARTAS DE DIREITOS CLIMÁTICOS



Conheça as outras cartas

REALIZAÇÃO:



**The Climate
Reality Project®**
BRASIL

APOIO:



**CENTRO
BRASIL
NO CLIMA**



**QUILOMBOS
de Pernambuco**

**Associação Remanescente de
Quilombolas do Sítio Araçá**

AQUICBÁ



www.climaterealityproject.org.br